

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL
CURSO DE LETRAS**

LEOMBERG DE MEDEIROS SILVA

**O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LITERATURA NO 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

PATU

2019

LEOMBERG DE MEDEIROS SILVA

**O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LITERATURA NO 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Orientadora: Prof^a. Dra. Cláudia Maria Felício Tomé

PATU

2019

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

M488e Medeiros Silva, Leomberg de
O ensino e aprendizagem de literatura no 9 ano do ensino fundamental II. / Leomberg de Medeiros Silva. - CAP / PATU, 2019.
36p.

Orientador(a): Profa. Dra. Cláudia Maria Felício Tomé.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Ensino e aprendizagem, literatura 9 ano.. I. Felício Tomé, Cláudia Maria. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

LEOMBERG DE MEDEIROS SILVA

**O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LITERATURA NO 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Nome do orientador: Prof^a. Dra. Claudia Maria Feicio Ferreira Tomé
Instituição: UERN

Examinador 1: Prof^a. Ma. Maria Leidiana Alves
Instituição: UERN

Examinador 2: Prof^a. Dra. Antônia Sueli Gomes Temóteo
Instituição: UERN

*À minha família, por todo apoio e dedicação nesse
momento.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, nada disso teria sido possível sem o meu Deus, fonte inesgotável de amor por mim; àquele em quem deposito toda a minha confiança e fé.

Aos meus pais, em especial a minha mãe (*in memoriam*), pois sonhou comigo no período em que estava, aqui. E sei que, mesmo não estando mais nesse plano, está feliz pela conclusão desse momento.

À minha namorada, por entender meus momentos de ausência durante o período de escrita deste trabalho.

À minha orientadora Dra Cláudia, pois aceitou enveredar nesse caminho comigo. Sem a sua orientação tudo isso não seria possível.

Aos professores que comporam esta banca, o meu muito obrigado pelas contribuições!

Agradeço, também, aos meus colegas do início da turma 2017.2, em especial a Natália Nádja, Juninho e Malu. Mesmo não tendo concluído juntos, sinto que torceram e torcem por mim à todo instante.

A todos, minha eterna gratidão.

“A literatura é sempre uma expedição à verdade”

(Kafka)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar como é o ensino e aprendizagem de literatura nas séries finais do Ensino Fundamental II, mais especificamente no 9º ano, já que é uma turma que está concluindo esta fase e passando a enveredar para o Ensino Médio. A escolha por este tema surgiu, assim, pela curiosidade em saber como é a leitura nessa fase de ensino. Para isso, nosso *Corpus* é composto pela análise de um questionário de 5 questões aplicada à 5 alunos do 9º ano. A escolha foi feita aleatoriamente, sendo que os nomes desses alunos foram preservados por ética. A escola em que este estudo foi aplicado trata-se de uma escola localizada no sertão paraibano, onde a qualidade de ensino é um pouco precária, justamente por falta de alguns recursos básicos. Nosso aporte teórico é fundamentado nos trabalhos de Lajolo (1989), Candido (2002) e Grossi (2008). Sobre ensino e importância da construção de sujeitos leitores, nos fundamentamos nos estudos de Oliveira (2013) e Azevedo (2015). Como resultados, percebemos que o ensino e a aprendizagem de literatura ainda são um pouco desvalorizados, já que pela entrevista foi visto que os alunos não sentem muito desejo em ler, nem praticam diariamente esse hábito. Os professores, no mais, sentem dificuldades em trazer o conteúdo de literatura pela sala de aula, deixando a desejar nesse sentido.

Palavras-Chave: Aprendizagem. Ensino. Literatura. 9º ano.

ABSTRACT

The aim of this paper was to analyze what is the teaching and learning of literature in the final grades of Elementary School II, more specifically in the 9th grade, since it is a class that is completing this phase and going to High School. The choice for this theme arose, therefore, by the curiosity to know how is reading in this phase of teaching. For this, our Corpus consists of the analysis of a 5 question interview applied to 5 students of 9th grade. The choice was made randomly, and the names of these students were preserved by ethics. The school in which this study was applied is a school located in the Paraíba backlands, where the quality of education leaves a little to be desired, precisely due to the lack of some basic resources. Our theoretical support is based on the works of Lajolo (1989), Candido (2002) and Grossi (2008). About teaching and importance of the construction of reading subjects, we are based on the studies by Oliveira (2013) and Azevedo (2015). As a result, we realize that the teaching and learning of literature are still a bit underappreciated, since by the interview was seen that students do not feel much desire to read, nor practice this habit daily. Teachers, moreover, have difficulty bringing literature content into the classroom, leaving something to be desired in this regard.

Keywords: Learning. Literature. 9th grade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A IMPORTANCIA DA LEITURA EM SALA DE AULA.....	13
1.1 O ensino de Literatura.....	13
1.2 A construção do sujeito-leitor.....	17
1.3 O que falam os PCNs sobre o ensino de Literatura?.....	20
1.4 Letramento literário.....	22
2 O ENSINO E A APRENDIZAGEM DE LITERATURA NA FASE FINAL DO ENSINO FUNDAMENTAL II.....	24
2.1 Do campo e sujeitos da pesquisa.....	25
2.2 Sobre o sujeito leitor e a literatura no ensino e aprendizagem.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
BIBLIOGRAFIA.....	34

INTRODUÇÃO

A literatura é uma fonte de desenvolvimento de crianças e adultos no mundo contemporâneo. Ela desempenha um papel fundamental na criação, imaginação, desenvolvimento cognitivo, além de ser uma fonte de suma importância para a interação do aluno no ambiente escolar, seja com o professor, seja entre os colegas na sala de aula. Ela permite, além de tudo isso, um contato com outras culturas, povos ou um mundo intelectualmente criado.

Nesse contexto, Cândido (2002) fala sobre a literatura da seguinte maneira:

[...] a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma práxis socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da ilusão e se transforma dialeticamente em algo emprenhado, na medida em que suscita uma visão do mundo. (CANDIDO, 2002, p. 55)

Assim, é necessário que se compreenda a literatura como uma forma de aprendizado constante, pois esta dá ingresso a um mundo que pode ser criado pela criança/jovem que está fazendo a leitura de um determinado livro, em um determinado contexto ou esfera social.

Sendo assim, esta pesquisa objetiva analisar como se constitui o aluno leitor no último ano do Ensino Fundamental I (9º ano), pois é uma fase em que os alunos estão prestes a ingressar no Ensino Médio, e, conseqüentemente, estarão mais próximos de prestar exames para ingresso no Ensino Superior.

Considerando o objetivo de nossa pesquisa, nosso *Corpus* é composto de uma entrevista que contém 5 questões e foi aplicada a um grupo de 6 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, sendo que estes foram escolhidos aleatoriamente. As questões feitas buscam indagar sobre como é a relação desses alunos com a leitura literária, bem como qual a constância que fazem leituras.

Com base nisso, pretendemos responder aos seguintes questionamentos: Como se constitui o sujeito leitor no 9º ano do Ensino

Fundamental I? Quais os sentidos produzidos pelo aluno no estudo de literatura? Qual a relação do gosto pela literatura e a prática do professor(a) em sala de aula? A partir desses questionamentos, pretendemos construir a base de análise desta pesquisa.

O interesse por este tema se deu pelo fato do 9º ano ser uma turma destaque no Ensino Básico. Por ser uma turma que está concluindo essa fase do Ensino Básico, existe uma certa cobrança com relação a leitura e ao estudo de literatura, pois assim esses alunos estarão se preparando para entrar no Ensino Médio. Considerando isso, viu-se a necessidade de se pesquisar como é constituído o sujeito leitor nessa fase, buscando compreender como estes alunos concebem a literatura.

A escolha desse tema também se deu pelo fato desse trabalho possuir uma grande contribuição para outras pesquisas que visem o estudo de literatura como um fator importante a ser pesquisado. Socialmente, poderemos perceber e buscar entender o que falta para que esse sujeito leitor seja mais contruído nessa série escolar. Assim, percebendo a importância e relevância desse tema, podemos nos amparar no que diz o autor abaixo citado:

Pessoas que não são leitoras têm a vida restrita à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato com ideias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido, conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles abrir a cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade. (GROSSI, 2008, p.03)

Podemos considerar, também, que a leitura nessa fase de ensino abrirá muitas portas para esses estudantes, pois entrarão em contato com muitas realidades e isso poderá aprofundar os conhecimentos e escolhas desses alunos.

Sabendo que nosso objetivo principal é analisar a construção dos sujeitos leitores ou alunos leitores no 9º ano do Ensino Fundamental, o *Corpus* deste trabalho se constitui de um questionário com 6 alunos do 9º ano, sendo que o questionário contém 5 questões. Como critérios de seleção desses alunos, optamos por escolher alunos aleatórios, pois assim as respostas poderão ser mais variadas.

Quanto aos métodos de pesquisa, esta é qualificada como qualitativa, pois iremos analisar respostas coletadas com determinados alunos de uma determinada sala. Como diz Andrade (1998, p. 12) “é necessário observar os fatos, analisa-los e expor uma opinião sobre eles”. Também se trata de uma pesquisa descritiva e bibliográfica, pois iremos descrever as respostas dadas pelos alunos no questionário, sempre nos baseando em teóricos da área.

Para tanto, nossa fundamentação teórica se constitui na adoção de trabalhos sobre literatura abordados por Lajolo (1989), Candido (2002) e Grossi (2008). Sobre ensino e importância da construção de sujeitos leitores, nos fundamentamos nos estudos de Oliveira (2013) e Azevedo (2015).

Portanto, nosso trabalho se organiza da seguinte maneira: Primeiro, apresentaremos a introdução do trabalho; segundo, um capítulo que fale da literatura em geral; terceiro, um capítulo que aborde as questões do sujeito leitor no âmbito escolar; no quarto capítulo traremos a análise dos dados coletados através do questionário; e, por último, nossa considerações finais e referências bibliográficas utilizadas.

1 A IMPORTANCIA DA LEITURA EM SALA DE AULA

1.1 O ensino de Literatura

Considerando a importância da literatura para a compreensão da realidade e o desenvolvimento do espírito crítico, acreditamos que o aluno, depois de ter realizado um efetivo estudo de obras literárias, provavelmente sairá dessa experiência com uma apreensão mais ampla do mundo circundante, mais sensibilizado para situações que o envolvem e mais preparado para atuar como elemento modificador de sua realidade (ZINANI & SANTOS, 2002)

Com base na epígrafe que abre este capítulo, podemos perceber o quanto a experiência com a literatura vem desempenhando um papel importante na vida de pessoas, visto produzir sentidos para quem tanto para quem experencia quanto para quem conduz a experiência

Tendo acompanhado o ser humano desde os tempos antigos, a literatura se faz presente na vida das pessoas. É considerada com várias modalidades que podem variar dos níveis formais e informais de comunicação, pois, através de diálogos entre textos, muitos pensamentos podem fruir. Assim, podemos considerar como texto literário:

Os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge o seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação [...]. Opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretação, porque a literatura é um instrumento de conhecimento do outro e de autoconhecimento, porque a ficção, ao mesmo tempo em que ilumina a realidade, mostra que outras realidades são possíveis. [...] (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 18).

Assim, nunca se deve subestimar o que um leitor compreendeu de um texto literário, pois é através dele que muitos mundos irão se abrir. Cada ser humano possui uma interpretação, e todas essas interpretações são eficazes em um ensino que busca a valorização de uma literatura que não é estanque, mas que traduz e expressa diversas culturas e valores para uma sociedade.

Nisso, “é fundamental que seja valorizada a visão interpretativa do aluno, ou seja, embora o professor possa chamar atenção sobre os aspectos estéticos e estruturais do texto, deve ser parceiro do aluno na interpretação, até mesmo para facilitar sua intervenção caso necessário”. (ALMEIDA, 2014, p.5)

Vale salientar que o ensino de literatura mudou com o passar dos tempos apesar de sempre ter sido estudada. Nos anos 80, por exemplo, só se estudavam autores que eram (re)conhecidos por suas biografias. Artistas famosos e que publicavam livros mais famosos ainda, deviam sempre estar presentes em escolas e universidades, pois assim o ensino seria mais valorizado e os jovens sentiam mais prazer em ler.

Mesmo depois de muito tempo, os cânones ainda são valorizados nas escolas e universidades, mas, independente disso, algumas pessoas ainda fazem uso de outras literaturas que, em muitos casos, não é tão reconhecida mundialmente.

Nesse sentido, muitos questionamentos surgem em torno de como ensinar literatura. Será que é fácil? Como desenvolver esse gosto nos meus alunos? Como trabalhar a literatura de uma forma divertida e eficaz? Pensando nisso, Malard (2012, p.78) diz que:

o melhor caminho para a aprendizagem da literatura ainda é a leitura dos textos literários e a crítica sobre eles, pois nenhuma outra forma de ver seus conteúdos, como resumos ou adaptações, substitui a prática da leitura original, uma vez que são releituras.

Esses fatores podem ser considerados eficazes para que o aluno possa ver no texto literário uma forma de desenvolvimento, tanto crítico, como de autonomia. Diante disso, torna-se imprescindível que o professor seja um mediador de conhecimento, tentando sempre mostrar para seu aluno que ele precisa adquirir uma certa afinidade com os textos.

Candido (2006) *apud* ALMEIDA (2001) observam que os aspectos históricos, sociais e culturais estão presentes no texto literário, mas é o texto que deve fomentar esse contexto, ou seja, o texto literário não deve ser visto como um lugar onde se busca encontrar um determinado aspecto ou um fator histórico e social, porque o texto traz uma verdade “imaginada” e expressa esteticamente e esses aspectos são o elo entre o leitor e o real.

Esse verdade “imaginada” é o que o professor pode considerar como “carta na manga” para interesse dos seus alunos, pois assim eles se sentirão mais impressionados e ativos literariamente, aprendendo que, através do texto, um mundo novo pode ser descoberto.

O texto literário como um caminho que deve ser construído em sala de aula, sendo o professor um mediador que irá facilitar o despertar da imaginação e explicitando aos alunos várias formas de entender esse ensino que pode não ser tão complexo como os alunos acham que é.

Nesse contexto, é preciso lembrar que sempre a literatura deve ser vista em sala de aula como um recurso utilizado pelo professor para ensinar. Em muitos casos, os professores poderão se deparar com a realidade de alunos que não gostam de ler e vice-versa; nessa realidade, esse desinteresse pela literatura pode ter surgido por vários motivos – que devem ser interpretados pelo professor.

Tentando mudar essa situação, alguns professores tentam, à todo custo, transformar a literatura em um palco de amor. Os livros, então, são “vendidos” aos alunos a fim de que, entre tantos exemplos, algum possa chamar a atenção para que a leitura seja feita.

Lajolo (2000, p.14 -15), assim, nos indaga: “o que fazer com o texto literário em sala de aula?”. Esse questionamento é frequente pois atualmente os professores sentem-se frustrados em ensinar literatura.

É importante lembrar que, através de todos esses questionamentos, vê-se um modo de ensino que está longe de ser tão desejável nas escolas – sejam elas públicas ou particulares. O que muitos autores, como por exemplo Lajolo chamam de “crise de leitura” está cada vez mais presente e fazendo mais vítimas, sendo que é a partir disto que muitas pessoas vivem sem estímulo para continuar nos estudos.

O “sociointeracionismo”, então, (BRAGATTO FILHO, 1995, p.89) surge, então para que tentemos solucionar os casos de um mal ensino de literatura, ou até mesmo da “crise de literatura” que é tão frequente, onde as pessoas não sentem mais o gosto e o hábito de ler.

Esse processo se constitui em uma junção de interação e aprendizagem entre o aluno, o professor e diversas esferas de comunicação, considerando o que chamamos de gêneros textuais. Assim, quando esse aluno entra em contato com diversos gêneros, algum deles pode fazer com que o aluno se interesse – e esse interesse leva, instantaneamente, ao ato de ler. Nesse quesito, a escola também ofertar diversos meios de incentivo para que o aluno esteja sempre acolhido.

A escola deve ser a maior incentivadora na prática da leitura. Ela deve deixar a disposição dos alunos diversos textos dos mais variados gêneros e nas mais diferentes esferas da comunicação humana, fazendo com que o aluno usufrua do que chamamos de “livre-arbítrio”.

A leitura é um jogo em que o autor escolhe as peças, dá as regras, monta os textos, e deixa ao leitor a possibilidade de fazer combinações. Quando ela faz sentido, esta ganha a aposta. Mas isso só acontece porque o leitor aceita as regras e se transporta para o mundo imaginário criado. Se ele resiste, fica fora de partido. (AGUIAR, 2006, p.254).

Assim, quando um determinado aluno leitor escolhe “jogar” o jogo da leitura, ele adquire mil e uma possibilidades de usá-la. Ele se transporta para o imaginário, fazendo com que se crie um mundo que pode ser particular ou coletivo, sempre dependendo das visões de cada um.

Alguns autores deixam claro que o estudo da literatura não deve ser concebido apenas como algo pronto; estagnado, pois é de responsabilidade dos alunos construir seu formato, já que se trata de um texto que sempre irá depender da criatividade e dos aspectos cognitivos dos alunos.

Os textos literários, devem, assim, seja na escola ou nas academias ser considerado em vários aspectos, sejam eles estilísticos, discursivos, interpretativos ou interativos, pois assim o aluno estará construindo sua própria realidade do texto, sem deixar de entendê-lo corretamente.

A literatura surge como um campo em que muitas coisas estão envolvidas: Cotidiano, realidades culturais, socioeconômicas e pessoais, tornando-se um campo de desenvolvimento histórico, social e pessoal. Se considerarmos, por exemplo, uma obra literária que um professor leva para sala de aula, veremos que a realidade contida no livro pode fazer parte da realidade de um aluno. Ou o contrário: Alguns podem gostar, outros não. É justamente isso que faz com que a literatura tenha sentido – a forma como é concebida por cada um.

Diante da indagação acima apresentada, Cereja (2005) observa que o interessante é que o professor busque dois parâmetros, o primeiro fazendo um elo entre os textos de diferentes épocas e buscando caminhos apontados pelo

próprio texto, ou seja, deixar que o texto conduza ao tempo e ao espaço para fazer essa ligação.

Dessa forma, é interessante que o professor tome conhecimento de diversas realidades; diversas obras que possam fazer parte do cotidiano de um aluno, pois é o texto trazido que dará sentido a aula planejada. É a partir dos diálogos que os alunos poderão entender como é o funcionamento de cada gênero, e como pensa um determinado autor.

Na maioria das vezes, os erros cometidos pelo professor no ensino de literatura são reflexo do que é construído em sala de aula. Em outros casos, a realidade em que o aluno está é fator condicionador para o desinteresse na leitura. Zilberman (2013, p. 1) cita que “O professor não é só o indivíduo letrado, mas aquele que precisa se reconhecer como leitor e gostar de se entender nessa condição”[...].

Essa condição em que deve se encontrar o professor é o que irá constituir sua prática em sala de aula e com os seus alunos. Afinal, como um aluno irá gostar de ler se seu próprio professor não sente atração pelo ato da leitura? Esse questionamento é inerente a muitos estudiosos.

Portanto, falar da aprendizagem e interesse de um aluno também é levar em consideração a identidade do professor que ministra as aulas de literatura. É necessário que haja sempre uma investigação da maneira como o professor ensina literatura. Não é que exista uma fórmula secreta, mas que seja sempre necessário a construção de um sujeito reflexivo que proponha alternativas e soluções para muitas realidades.

1.2 A construção do sujeito-leitor e concepções sobre leitura

A autonomia do leitor talvez seja o dado mais importante documentado por Cervantes: Alfonso Quejana, depois de metamorfoseado em Dom Quixote, é incontrolável. Primeiramente a sobrinha da criada, depois o cura e o barbeiro, por fim o bacharel Sansão Carrasco – todos tentam submetê-lo e recuperá-lo, trazendo-o de novo à rotina e à sanidade, mas fracassam. O retorno acontece, quando o protagonista formula esse desejo; ele então regressa às suas terras, acomoda-se e reassume a identidade original. Para conseguir esse intento, contudo, abre mão dos livros; o resultado, por sua vez, é nefasto: a personagem afunda na melancolia e fenece. (ZILBERMAN, 2001, p. 27)

A epígrafe que abre esta seção nada mais é que a forma como Zilberman aponta para a autonomia do leitor. A relação estabelecida entre a pessoa que lê e os personagens do enredo nos fazem perceber a importância que um sujeito leitor tem no processo de escolha e interpretação da leitura em suas diversas esferas.

Um leitor é, assim, um construtor de conhecimento, um produtor de ideias e um intérprete de diversas realidades. A escola, em muitos casos, é apenas um local onde isso pode ser melhor aperfeiçoado, pois, quase sempre, um sujeito já tem uma afeição (ou não) para o ato de ler.

O ato de ler para Freire (2009, p.11) é, então “a ação de tornar-se leitor através do lúdico”. Ou seja, muitas vezes o aluno aprende melhor quando utiliza a ludicidade como aspecto de construção de um leitor que poderá ser assíduo. Assim, esse processo em que denominados “sujeito-leitor”, nada mais é que um processo de construção de si no mundo, nos locais onde está ou onde irá atuar.

Segundo Matencio (2002, p.19),

o leitor não deve ser passivo diante do texto e as atribuições de sentido devem ocorrer mediante um posicionamento do sujeito leitor perante o lido. Assim as atividades de leitura e interpretação devem proporcionar releitura, a apropriação crítica e a interação com o lido.

Sendo assim, é diante do texto que um aluno poderá se construir como sujeito-leitor. Esse leitor deverá ter como principal alvo o gosto por esse ato, pois só assim a prática será relativa e a leitura consumada da melhor forma possível.

Por fim, o que faz de um leitor, um leitor, em primeiro lugar são as ideologias sobre as quais ele constrói a sua autoimagem, a importância social que a sua comunidade atribui à ação leitora, inclusive a família. Em segundo lugar, mas não em ordem de hierarquia, apenas em ordem pedagógica de escrita, a importância que a escola atribui à leitura e seu papel na mediação do processo de enleituramento. (OLIVEIRA, 2013, p.68)

Diante desta consideração, compreendemos que as ideologias é que farão com que um leitor se construa. Em alguns casos, por exemplo, a crença do “não gostar de ler” fica enraizado na memória do sujeito, e ele estará com um entrave sempre achando que não irá conseguir. Em outros casos,

entretanto, a escola também desenvolve um fator chave nessa construção: pois é ela que tentará abrir as portas para que os alunos sejam construtores de conhecimento.

Assim, podemos, também, perceber o percurso dos alunos em relação à leitura, verificando sua singularidade, seus conhecimentos, suas escolhas, sua história de leituras e de vida, para que o processo de leitura seja significativo e o leitor, sujeito de seu conhecimento. (FAGUNDES, 2013). Neste caso, a leitura estabelece uma hierarquia, sempre dependendo de vários fatores para que se desenvolva corretamente.

Alguns fatores que não sejam a escola ou o próprio aluno podem influenciar na (não) construção de um sujeito- leitor. O ser humano é dotado de realidades e ele sempre será surpreendente. Então, é impossível que alguém saiba realmente o que aquele aluno vai querer para o futuro, se terá gosto ou não pelo ato de ler.

Ler é um ato político, como tudo o mais que se transforma em ação humana, portanto assim deve ser tratado. Não se pode separar o leitor de sua constituição enquanto sujeito de sentidos, sujeito social que está sendo sempre interpelado pelas ideologias que compõem as formações discursivas que o assujeitam, provocando condições de produção de si no mundo e de si enquanto leitor. (FAGUNDES, 2013, p.64).

Esse ato político é o que faz com que as ações humanas e os atos de leitura sejam enfatizados cada vez mais pelas pessoas. O sujeito de sentidos e carregado de ideologias é o que move cada ser. O discurso, assim, também se torna uma forma de persuadir e construir esse sujeito.

Neste caso, devemos considerar o sujeito-leitor não apenas como um receptor de ideias, mas como um produtor que não pode, em nenhuma hipótese ser oprimido, mas que deve, também, ouvir o que o professor têm a dizer.

É considerando isto que a escola entra como um desencadeador de ideias, pois em alguns casos o professor não se manifesta tão coeso e coerente como deveria ser, para que os seus alunos adquiram o gosto pela leitura.

1.3 O que falam os PCNs sobre o ensino de leitura?

Os parâmetros curriculares nacionais são criados como uma forma de atribuir aos professores e a gestão escolar uma forma de ensinar de maneira transdisciplinar e conscientizadora. Ainda segundo eles, o aluno precisa, através do ensino do professor, conhecer o mundo em que vive, as realidades sociais e socioeconômicas, além de compreender a linguagem com o qual o ser humano está interagindo, afinal “cabe à escola o esclarecimento das relações existentes, a indagação de sua existência, o reconhecimento de suas possibilidades, a democratização de seus usos”. (BRASIL, 2000, p.100).

O ensino de uma língua, é, portanto, fator primordial que os alunos devem compreender, entre eles o ensino de Língua Portuguesa (visando o ensino de gramática, literatura e redação) e uma língua estrangeira, sempre levando em consideração que esses parâmetros tem que “Desenvolver o educando, assegurar-lhe formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos superiores”. (LDB *apud* PCN, 2000, p.17).

No que se pressupõe sobre o papel do professor, dizem que: “O trabalho do professor centra-se no objetivo de desenvolvimento e sistematização da linguagem interiorizada, pelo aluno, incentivando a valorização da mesma e o domínio de outras utilizadas em diferentes esferas sociais. (PCN, 2000, p.18). Assim, a linguagem torna-se um fator crucial no ensino de literatura para crianças ou adolescentes.

No que tange a produção curricular de Literatura, os PCN's incentivam as escolas a melhor se adequarem à essa produção, justamente porquê é esse fator que fará com que os alunos tenham interesse em produzir sobre esse tema, tornando-os leitores e conhecedores de novas realidades.

Nesse sentido, também é importante que ressaltemos a importância do currículo para essas práticas literárias, pois estas também podem ser consideradas como práticas discursivas, já que estão sempre interligadas com vários discursos distribuídos na sociedade em geral. “Trata-se de um discurso produzido na interseção entre diferentes discursos sociais e culturais que, ao

mesmo tempo, reitera sentidos postos por tais discursos e os recria” (SILVA, 2003, p. 41).

Assim, é sempre importante que os currículos que envolvem a literatura estejam sempre ligados com outros fatores como: experiências culturais dos educandos, valores socioeconômicos, entre outros. É, através disto, que:

A leitura que não se fixe nas distinções entre cultura, economia e política, mas que entenda que o cultural, ao ser refuncionalizado como mercadoria, rearticula sua dimensão política. Uma leitura que perceba como o espaço-tempo da cultura incorpora valores de mercado, mas também alternativas que o tornam político por excelência. Uma leitura que, enfim, seja capaz de pensar o espaço-tempo da política como um cruzamento entre características globais do capitalismo e especificidades locais em um processo que envolve hibridismos. (MACEDO, 2006, p.256)

As teorias surgirão, então, como uma forma de fazer com que os alunos entrem em contato com diversas formas de viver, se interessando por diversas culturas – sendo que estas estarão sempre ligadas à Literatura como uma forma de desenvolvimento.

Segundo os PCNs, o estudo da literatura precisa levar o aluno para um contexto social vivenciado fora dos limites escola e dos conhecimentos repassados na escola. Com isso, a aprendizagem torna-se significativa, pois o aluno acaba identificando-se com o que a escola propõe. (PCN's, 2002, p.68).

É nesse contexto que os professores precisam aprender que os conteúdos repassados em sala de aula precisam sempre estar interligados com as vivências pessoais. A aprendizagem se tornará dinâmica e mais interativa se isto for feito.

Currículo escolar e Literatura se tornam formas inovadoras que podem e devem ajudar ao aluno – e sempre da melhor forma possível.

Se as tradições globalizantes, em geral disciplinadoras (como lembra o pós-estruturalismo), são parte integrante do currículo, a função performática da educação e do currículo está em criar lugares-tempo híbridos de sentido. Nesses lugares-tempo, o ato de tradução cultural impede que as culturas globais vejam a si mesmas como completas, definitivas, e impõe as culturas subalternas como elemento que redesenha o global (MACEDO, 2006, p.143)

Ao estudar Literatura, os alunos entrarão em contato com novas formas de resignificação. Se considerarmos por exemplo, uma produção curricular que

aborde questões sobre o indianismo presente nos livros de algum autor famosos, perceberemos que os alunos, além de estarem praticando a leitura em sala de aula, também estarão entrando em contato com outras identidades – o que poderá aflorar suas ideias e gostos.

1.4 Letramento literário

Os gêneros literários exercem um papel fundamental no pertencimento da leitura em alguns jovens e adultos. Os sujeitos não nascem com um sentimento de pertencimento à leitura, mas podem adquirir isso conforme praticam o hábito de ler. Assim, os professores precisam despertar o interesse pela leitura desde cedo, para que seus alunos tornem-se leitores e pertencentes ao mundo literário.

Tornar o ensino de literatura um hábito é um dever das escolas, sejam eles pertencentes a rede pública municipal ou estadual, ou até mesmo a rede privada. Assim, Paulino (1998) define o letramento literário: “como outros tipos de letramento, continua sendo uma apropriação pessoal de práticas de leitura/escrita, que não se reduzem à escola, embora passem por ela” (PAULINO, 1998, p.16).

Nisso, a escolha que os alunos fazem de qual texto literário fazer, faz com que eles se apropriem de uma leitura individualmente, não se reduzindo apenas à escola, mas a outros ambientes que favorecem esse desenvolvimento.

Para conceber bem o letramento literário é importante que pensemos em alunos que não só são praticantes da leitura, codificadores, mas de seres que interpretam os textos lidos, (re)significam e dão novos sentidos aos fenômenos apreendidos por meio da leitura.

Cosson (2006), então, traz algumas propostas de como trazer esse letramento literário para sala de aula, envolvendo, assim, os alunos de forma simplória. São estes: A interpretação, que deve ser feita depois de um texto lido. Assim, os alunos poderão expor o que aprenderam depois de ter lido o livro, além do que ele significa.

O segundo passo é a forma como o professor traz a leitura para sala de aula (ou fora dela). Pois o indicado é que, quando um texto for muito grande e

haja receio de que os alunos não o compreendam, pode-se levar esse texto para outro ambiente, como uma praça, assim os alunos entrarão em contato com outras realidades.

Uma “viagem guiada” também é considerada importante no letramento literário. Os professores poderão ler e interpretar leituras que eles mesmo trazem, encenar estórias que chamem a atenção dos seus alunos.

De acordo com Fernandes (2011, p.13)

o professor é o principal responsável pela mediação entre o leitor e o livro no contexto escolar. Um dos papéis fundamentais do professor é o de apresentar obras literárias aos alunos, selecionar as obras que devem ser lidas e trabalhadas visando o letramento literário dos estudantes. Para a formação do leitor aprendiz, é indispensável a presença de um professor mediador.

Nesse sentido, para que o letramento literário seja feito de forma consciente não só para os alunos como professores, é necessário que o professor, juntamente com toda a gestão da escola, estejam aptos a considerarem todas as formas de significação citadas anteriormente. A escolarização adequada aos alunos é uma forma de fazer com que estes apreendam de forma única a literatura como ferramenta educacional.

2 O ENSINO E A APRENDIZAGEM DE LITERATURA NA FASE FINAL DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Ler é um ato revolucionário.

(Descartes)

a

A leitura é algo fundamental na vida dos seres humanos. Independente de classe social, idade ou escolaridade, ela sempre deve estar presente na vida de jovens e adultos, pois é essa leitura que fará com que o ser humano se desenvolva enquanto sujeito crítico e leitor em uma sociedade que está cada vez mais exigindo das pessoas.

Um sujeito que lê é, portanto, um sujeito que consegue expressar suas ideias e capacidades, refletir sobre o mundo e sobre as pessoas que o cercam, além de ter real capacidade de desenvolver propostas que o engagem no mercado de trabalho.

Na pesquisa em tela muitos alunos afirmam não gostar de ler; alguns por falta de contato com o livro, outros até por não serem incentivados a ter essa prática. Entretanto, alguns veem a leitura como obrigação, fazendo da leitura uma obrigação. Em outras vezes, porém, veem a leitura como uma prática ideal para a construção de criticidade entre os sujeitos.

Assim, Oliveira (2013) considera um sujeito leitor como:

Por fim, o que faz de um leitor, um leitor, em primeiro lugar são as ideologias sobre as quais ele constrói a sua autoimagem, a importância social que a sua comunidade atribui à ação leitora, inclusive a família. Em segundo lugar, mas não em ordem de hierarquia, apenas em ordem pedagógica de escrita, a importância que a escola atribui à leitura e seu papel na mediação do processo de enleituramento. (OLIVEIRA, 2013, p.68)

É nesse sentido que a pesquisa em questão se detém: construção de leitores, já que, quando construído, esse leitor possuirá muitas ideologias, formas de ver o mundo e de se relacionar com as pessoas, aprenderá a escrever melhor e também a interpretar.

Esta pesquisa optou por trabalhar com alunos do 9º ano justamente por se tratar de um nível de ensino em os alunos estão preparando para o ensino médio, tendo mais contato com a literatura, além de estarem adquirindo maturidade pessoal e também estudantil. Outro fator importante para esta

escolha foi o fato de existirem poucos trabalhos que analisassem o ensino e a aprendizagem de literatura nesta fase da educação básica, pois o que observamos é o fato dos pesquisadores buscarem informações apenas em salas do Ensino Médio, como se apenas nesse nível a Literatura fosse estudada.

2.1 Do campo e sujeitos da Pesquisa

Considerando que nossa pesquisa trata de análises de questionários feitas com alunos estudantes em uma escola pública estadual, faz-se necessário que caracterizemos esta escola, descrevendo como a mesma se constitui, além do perfil dos participantes da pesquisa.

Vale salientar que o nome da escola será apresentado, mas, por questões éticas e pessoais dos participantes da pesquisa, os nomes serão preservados, sendo utilizados apenas os nomes “aluno” ou “professor” para designar a fala dos sujeitos.

A escola estadual Américo Maia é localizada na cidade de Belém do Brejo do Cruz, interior sertanejo da Paraíba. É uma escola com boa estrutura, atende alunos tanto na zona urbana como rural, sendo que muitos são pertencentes à famílias carentes da região. Em sua totalidade, possui mais de 400 alunos regularmente matriculados nos ensinos fundamental I e II.

Quanto à estrutura física da escola, a mesma possui 8 salas climatizadas, biblioteca, refeitório, cozinha, pátio, sala dos professores, diretoria, sala de recursos multifuncionais e banheiros.

Na pesquisa que desenvolvemos, optamos por ter como *Corpus* uma entrevista feita a 5 alunos do Ensino Fundamental II, mais especificamente do 9º ano (fase final). O questionário traz questões relativas ao ensino e a aprendizagem desses alunos sobre literatura, gosto por leitura, relação com os livros. Frequência de leitura, entre outros apontamentos, como participação do professor do processo de escolha de um livro. Os alunos para esta pesquisa foram escolhidos aleatoriamente, são da faixa etária entre 3 a 15 anos (já que estão no 9º ano), variando sempre entre os gêneros feminino e masculino.

No mais, os alunos entrevistados não se opuseram a responder as perguntas feitas, apesar de demonstrarem dúvida e hesitação para formular

algumas das respostas. É certo deixar claro que a professora de português – maior responsável pelas aulas nesta fase, não influenciou na escolha dos alunos, nem nos níveis de resposta que foram dados na hora da entrevista.

2.2 Sobre o sujeito leitor e a literatura no ensino e aprendizagem

Considerando que “a leitura, parte fundamental do saber, fundamenta nossas interpretações e nos viabiliza a compreensão do outro e do mundo”. (SUSANA, 2015, p.3), fizemos a seguinte pergunta aos alunos, afim de que pudéssemos compreender o nível em que estes se encontravam, pois, se soubessem responder, significava que já haviam tido contato não só com esse termo, mas como a prática de leitura .

O que você considera como “ato de ler”?

A1: Quando se lê um livro¹

A2: Acho que quando o aluno se interessa por ler e acaba lendo cada vez mais.

A3: Deve ser a prática diária.

A4: Eu considero como uma forma de ver os livros como uma forma que vai nos ajudar a crescer, então por isso se diz “ato”.

A5: Ler muito.

Para responder a essa pergunta os alunos tiveram um pouco de receio. Talvez esse receio tenha sido decorrente do medo ou do constrangimento em estarem participando de uma pesquisa. Alguns pararam um instante e pensaram em como iriam responder.

Sobre o “ato de ler”, estes alunos demonstraram, em média, um bom conhecimento sobre o tema, pois as respostas foram bem fundamentadas. o aluno 3 considerou esse ato como uma prática diária, então, é neste caso que podemos perceber como essa cultura está enraizada pra este Aluno.

O aluno 4, por exemplo, traz uma resposta mais elaborada, considerando os livros como uma forma de os ajudarem a crescer. Por se tratarem de alunos que provém de famílias carentes, talvez esse “crescimento” seja um forma em que eles acham que podem se tornar bons profissionais, ter um bom trabalho e ajudarem as suas famílias.

Na segunda pergunta, foi-se indagado:

¹ Respostas transcritas exatamente como ditas pelo aluno.

1. *Que livros você já leu esse ano?*

A1: Pequeno príncipe

A2: Só estudei mais gramática

A3: Acho que li dois, mas não lembro o nome

A4: A hora da estrela eu comecei, mas não deu certo terminar

A5: Nenhum, não gosto muito de ler

A maioria dos alunos que responderam essa pergunta não possuem uma prática ativa de leitura. Percebe-se isso pois dentre os 5 alunos entrevistados, apenas 1 revela o livro que leu, apesar de que durante vários meses do ano apenas um livro foi lido. O aluno 4 diz que leu dois livros, mas que não lembra o nome destes. Neste caso, é necessário salientarmos o fato da leitura estar se tornando algo supérfluo para os alunos, porque é inconcebível imaginarmos uma leitura em que depois o aluno não saiba o nome do livro que leu.

Outro fato questionável e pertinente é que o aluno 2 cita algo bem interessante e que nos chama atenção: O estudo de gramática como ponto forte na vida de muitos estudantes. O gosto pela leitura nesse aluno não tenha sido motivado justamente por não ter uma influência, já que a gramática é vista como o mais importante de se estudar.

O aluno 4 nos fala o livro que leu, trata-se de “A hora da estrela”, da escritora Clarice Lispector. Mas este mesmo aluno também diz que não terminou o livro. A falta de interesse é constante, visto que o livro contém 53 páginas que poderiam ter sido lidas em apenas um ou dois dias. É, portanto, que devemos analisar o ato de ler como uma prática, e estes alunos que responderam a questão acima demonstram não ter essa prática de leitura.

Pensando nisso, Susana (2013) reflete dizendo que “a leitura constitui também uma prática social, pela qual o sujeito, ao praticar o ato de ler, mergulha no processo de produção de sentidos, e esta tornar-se-á algo inscrito na dimensão simbólica das atividades humanas”. (SUSANA, 2013, p.8). Essa prática é justamente o que está faltando nos nossos alunos e isso torna-se perceptível quando o aluno 5 diz que não gosta de ler. O ato de ler está se tornando algo supérfluo e que, mesmo começando a ler um livro, os alunos já não os terminam, como deveria ser previsível.

Considerando a leitura como produção de sentidos, os PCN's nos falam que:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, descodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (PCN, 1998, p. 69/70)

Assim, não deve-se esperar apenas do aluno, já que ele está ali para aprender e ser mediado por alguém. Esse alguém é ser o professor que, através de atividades lúdicas ou complementares de seus planos de aula, que sempre tenta trazer livros para seus alunos. Estes livros podem ser desde clássicos universais à livros de variados gêneros que prendam a atenção do aluno e despertem o gosto pela leitura.

Os alunos devem, assim, entender que ler é “refletir e pensar em possibilidades diferentes de vida por meio da experiência de viver simbolicamente uma infinidade de vidas alternativas junto com os personagens de ficção e, dessa forma, ter elementos de comparação mais variados.” (MACADO, 2002, p, 18:19).

É nesse contexto de considerar o professor como um forte mediador no ensino de literatura que fizemos a seguinte pergunta para os alunos entrevistados:

2. *Que livros você já leu esse ano por indicação de algum professor?*

- A1:** Pequeno príncipe
- A2:** Nenhum
- A3:** Ela passou um, mas não li era difícil
- A4:** A gente ler mais aqueles textos que vem no livro de português
- A5:** Só o pequeno príncipe pra poder fazer uma prova dele.

O livro “o pequeno príncipe” foi o mais citado durante toda a entrevista feita. Os alunos relataram que foi um livro que a professora de português pediu para que eles lessem para poderem fazer uma avaliação bimestral. A professora nos relatou que a escolha desse livro se deu pelo fato de os alunos

não terem uma maturidade e interpretação tão adequada para que outros livros pudessem ser lidos.

De outro modo, o comentário do aluno 2 que, mesmo sendo da mesma turma dos outros entrevistados, diz que a professora não passou nenhum livro para ser lido. O aluno 4 também utiliza uma resposta parecida, dizendo que os únicos livros que lê são os expostos no livro de português.

A situação em tela também nos faz perceber o quanto as escolhas de determinados gêneros influenciam em respostas dos alunos. Estes alunos não tenha lido o livro indicado e por isso tenham dito na entrevista que a professora não passou nenhum.

Outro fato questionador é a resposta dada pelo aluno 3, pois ele diz que a professora passou um livro, mas como ele era muito difícil de se compreender, ele acabou não lendo esse livro. Vemos aí um caso muito intrigante e desafiador que o não ato de ler nos traz: Mesmo um livro como o do pequeno príncipe – que é lido por alunos do 5º ao 6º ano, torna-se difícil para um aluno de 9º, que está terminando uma fase do Ensino Fundamental II. Isso está extremamente ligado ao fato da não prática de leitura.

Considerando o professor como mediador, é necessário salientarmos que muitos professores acabam por “esquecendo” o ensino de literatura em suas aulas. Talvez isso se dê por medo de uma não aceitação, ou até mesmo por eles mesmos não terem uma prática de leitura, mas que isso está prejudicando os alunos. Percebe-se isso quando em 7 meses de ano letivo para o 9º ano, a turma só fez a leitura de um livro literário indicado pelo professor.

É necessário que o professor de Língua Portuguesa crie mecanismos que facilitem esse acesso a Literatura aos seus alunos, pois assim esses alunos poderão, um dia, adquirir esse gosto e hábito de leitura que tanto os falta, tornando-se sujeitos críticos, formadores de opiniões e participantes de uma comunidade leitora.

Para tanto, é sempre bom citarmos que, mesmo a leitura sendo desvalorizada entre os meios estudantis – como percebemos nos alunos desta turma, achamos necessário fazer a seguinte pergunta:

3. *Alguém te incentiva ou já incentivou a ser um leitor?*

A1: Minha mãe é professora de ciências, eu vejo ela lendo e ela me pede pra ler também, mas como eu gosto mais de matemática fica difícil né?

A2: Não

A3: Sim, minha mãe

A4: A professora de português diz que a gente tem que ler

A5: acho que não

A leitura é o meio mais importante de conhecer o mundo. Considerando isso, a pergunta acima foi feita para sabermos como é o incentivo à leitura na vida dos jovens entrevistados, quem já lhes apresentou essa leitura e como isso foi feito.

Nesse contexto, a maioria das respostas foram positivas, visto que relataram que já tiveram alguém que os apresentasse e incentivasse a praticar a leitura. Os alunos 1, 3 e 4 foram os que deram as respostas positivas. No aluno 1, por exemplo, percebe-se a importância da família nesse incentivo à leitura, pois, como ele relata, a mãe é professora e o incentiva a ler, mas o que acontece é que o aluno gosta mais de matemática e essa situação torna o ato de ler difícil.

Então, percebemos que muitas vezes o aluno por ter um gosto diferente deixa a leitura de lado. Assim, o que deveria ser feito é mostrar as várias possibilidades que podem existir, já que não é erro ele gostar de matemática, mas este deve saber que ler e estudar outras matérias também é necessário.

O aluno 4 diz que a professora de português o incentiva a ler. Diante disso, vemos que:

calhar ao professor, a missão de atrair os alunos para o traquejo da leitura, diferenciadamente, sobressaindo-se por meio da criatividade e expressividade. Causar, anseio, pela sensatez à leitura, a fim de torná-la agradável e, com efeito, exigirá do preceptor, perspicácia e autenticidade ao fazê-lo com encantamento e devoção, munindo-se de artifícios persuasivos, os quais envolverão o leitor, levando-o a relacionar-se sincera e esmeramente com a narrativa, inicialmente, proposta e posteriormente, quista (...) (Grazioli e Coenga, 2014 *apud* Susana, 2013, p.10)

Percebe-se, então, que os professores também são incentivadores na busca pelo prazer do ato de ler. Em muitos casos, o professor de português desempenha bem esse papel – mas os outros professores também podem

incentivar os seus alunos, considerando que em todas as disciplinas a leitura é exigida.

O aluno 2 tem uma resposta negativa. Ele diz que ninguém o incentiva ou já incentivou a praticar a leitura. Esse posicionamento é crítico e preocupante, pois todos precisam ter um incentivo, seja em casa ou na escola. Diante disso, o que se deve fazer é buscar meios que auxiliem e promovam esses tipos de aluno, para que, através de dinâmicas, atividades lúdicas que envolvam a leitura, entre outros, estes possam tentar ler algum livro.

A quinta e última pergunta foi feita para indagar a importância de ler nessa fase de estudo em que se encontram.

4. *Você acha que é importante para um 9º ano ter gosto pela leitura?*

A1: Acho que sim

A2: Sim

A3: Acho que no Ensino Médio é mais importante

A4: Sim

A5: Com certeza

O gosto e hábito pela leitura precisa ser sempre incentivado. No 9º ano do Ensino Fundamental II – fase final dessa etapa, muitos alunos ainda não têm adquirido esse gosto e isso torna-se preocupante, pois sabe-se que saindo dessa fase irão encarar o Ensino Médio e as aulas efetivas de Literatura.

Essa pergunta foi de fundamental importância para sabermos a opinião desses alunos no quesito “importância da leitura nessa fase”. Assim, poderemos ver na resposta o que acham sobre o nível que se encontram e como isso influencia na busca pelo gosto de ler.

Diferente das outras respostas que partiam de um lado negativo ao falar sobre ler, nesta, todos os alunos deram respostas positivas à questão. No entanto, os alunos 1 e 3 ainda tiveram dúvidas quanto à resposta, por isso utilizaram o termo “acho”. Ainda considerando o aluno 3, este relata que a leitura deve ser mais importante na fase do Ensino Médio. Essa resposta vai de acordo com o que foi dito anteriormente: os alunos acham que estudar literatura e ler um livro deve ser uma prática apenas do Ensino Médio, o que não deve ser considerado, já que, em muitos casos, nem nessa fase eles praticam o ato de leitura.

O aluno 5 revela uma resposta muito positiva quando diz “com certeza”. Mas, o que mais chama atenção é que mesmo sendo respostas tão positivas, nas outras perguntas que tratavam de praticamente a mesma coisa, os alunos trazem respostas negativas.

Para tanto, vale salientar que a leitura necessita ser oferecida e praticada em todos os níveis da Educação Básica, sempre sendo adaptada para as diferentes fases e idades do aluno. Assim, em cada etapa “vencida”, os alunos poderão começar um interesse por livros, escolhendo seus gêneros preferidos e vendo a leitura como um hábito e uma prática constante, não apenas por obrigação

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise e compreensão de como é o ensino e a aprendizagem de alunos que estão concluindo o ensino fundamental II, mais especificamente que estão no 9º ano. Essa fase foi escolhida por se tratar de uma série em que espera-se uma maturidade maior dos alunos em relação aos estudos, já que estão prestes a ingressar no Ensino Médio.

A partir da análise de uma entrevista que continha 5 questões aplicada a 5 alunos, ambos escolhidos aleatoriamente e com variedade de idades e gêneros, percebeu-se que os alunos não sentem mais gosto pelo ato de ler, e quando leem, fazem aquilo por obrigação que foi imposta pelo professor, geralmente de português. Os professores, também sentem um certo receio em trabalhar com a literatura em sala de aula, pois priorizam a gramática, já que é o mais estudado e abordado nos livros didáticos – que os professores seguem duramente.

Assim, considerando os procedimentos de nossa pesquisa, esta tratou-se de uma pesquisa qualitativa, pois iremos analisar respostas coletadas com determinados alunos de uma determinada sala. Como diz Andrade (1998, p. 12) “é necessário observar os fatos, analisa-los e expor uma opinião sobre eles”. Também se trata de uma pesquisa descritiva e bibliográfica, pois iremos descrever as respostas dadas pelos alunos no questionário, sempre nos baseando em teóricos da área.

Como nossa pesquisa é veiculada ao estudo de Literatura, fizemos um recorte teórico-metodológico de como é o ensino de literatura na visão de alguns autores, além de como os PCN's veem e orientam o trabalho com a Literatura para às escolas. Por fim, trouxemos a análise que constituiu o objeto principal deste trabalho.

Assim, este trabalho pode ser utilizado como ferramenta de estudo nas escolas públicas e até privadas, além de servir como referência para outros trabalhos que venham a estudar o ensino de Literatura nas escolas. Socialmente, pode ser utilizado como uma chave para a resolução de problemas de professores que sentem dificuldades em trabalhar com a literatura em suas aulas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sara. **Metodologia do trabalho científico**, USP – São Paulo, 2013

AGUIAR, Vera Texeira de. **Formação de professores -professores**. In : MARTINS, Aracy Alves ; BRANDÃO, Heliana Maria Brina ;

ALMEIDA, Maria do S. P. de. **A sacralização da natureza em Patativa do Assaré e Alberto Caetano**. In: anais do III Colóquio da Pós-Graduação em Letras UNESP- Assis – SP. 2001.

BRAGATTO FILHO, Paulo. **A “crise da leitura” e uma proposta de biblioteca alternativa**. In : _____. Pela leitura literária na escola de 1º grau. São Paulo : Ática, 1995. p. 93 - 95.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação**. Câmara de Educação Básica. Parecer n. 7/2010. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, seção 1, p. 10, 9 jul. 2010a. _____. Resolução n. 4/2010. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 9 jul. 2010b.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Currículo em movimento: o compromisso com a qualidade da Educação Básica**. Apresentação realizada pela Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares para a Educação

BRASIL. Pluralidade cultural e orientação sexual. In: **Parâmetros Curriculares Nacionais**. portal.mec.gov.br/sed/arquivos/pdf/livro101.pdf. Último acesso, 02 de abril de 2016. _____. Lei 9.394. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Último acesso, 27 de junho de 2016.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antônio. **Literatura na escola**. Ed. Ática. São Paulo, 2002

CEREJA, Willian Roberto. Uma proposta dialógica de ensino de literatura. Tese de **Doutorado em Linguística Aplicada e estudos da linguagem**. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo. 2005

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Letramento literário no contexto escolar**. In: GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos (ORG.) Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente. Campinas, SP: Mercados de Letras; Dourados, MS: Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2011, 321-348.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz na terra, 1997

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011

LAJOLO, Marisa. **Como e por que ler o romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

MALARD, Leticia. **Ensino e literatura no 2º grau: problemas & perspectivas**. Minas Gerais, UFMG. 2012

MATENCIO, M. L. M. Atividades de retextualização em práticas acadêmicas: um estudo do gênero resumo. Scripta, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 25-32, 2002.

MACEDO, Elisabeth. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

MACEDO, Elisabeth. **Currículo e conhecimento: aproximações entre educação e ensino**, **Cadernos de Pesquisa** v.42, n.147, p.716-737, set./dez. 2012.

OLIVEIRA, Rosamary. **A leitura-estar-no-mundo e a constituição do sujeito-leitor**, 2013, Universidade Estadual da Bahia.

PAULINO, Graça. **Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares**. Caxambu: ANPED, 1998 (Anais em CD ROM).

PERRONE-MOISÉS, Leyla. O ensino da literatura. In: NITRINI, SANDRA et al (org) **Literatura, artes, saberes**. São Paulo: ABRALIC – HUIITEC, 2008.

SILVA, M. **complexidade da formação de professores: saberes teóricos e saberes práticos** [online]. São Paulo: JM editora, 2003.

SUSANA, Flavia. **A importância da leitura na formação do leitor**, Sao Paulo, 2013

ZINANI, C.J.A.; SANTOS, S.R.P. dos. **Ensino da literatura: lugar do texto literário**. In: ZINANI, C.J.A. et al. Transformando o ensino de língua e de literatura: análise da realidade e propostas metodológicas. Caxias do Sul, RS: Educs, 2002.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC, 2001